

O FUTUR TEM FUTURO NO FRANCÊS (CANADENSE) \* \*\*

SHANA POPLACK  
DANIELLE TURPIN  
(Universidade de Ottawa)

Tradução de Marina R. A. Augusto e Ana Paula Scher

**ABSTRACT:** The hospitality of the future temporal reference sector to multiple exponents is well exemplified by French, where the inflected future (IF) currently competes with both periphrastic future (PF) and futurate present (P) forms. Most scholars contend that the variant expressions are selected according to distinctions in the way the speaker envisions the future eventuality and/or the semantic and/or pragmatic import s/he wishes to convey. Curiously, however, there is little agreement as to what that import is nor which of the variants is capable of expressing it. Making use of a variationist approach, in this paper we return to the question of the function and meaning of the major exponents of futurity in spoken French through systematic analysis of thousands of contexts of future temporal reference in natural speech. We show that although the variant forms continue to divide up the work of expressing posteriority, they are rarely selected by speakers in accordance with the values commonly attributed to them in either the descriptive or prescriptive literature. This is because basically all reference to future states or events is made by PF, which has ousted IF from virtually all contexts of productive usage but one, while P has made only incipient incursions into another. We suggest that failure to attain consensus on the set of meanings or functions distinguishing the variants is the product of an epistemological problem stemming from difficulty in reconciling the form-function polyvalence characteristic of inherent variability with the (distributional) linguistic enterprise of ascribing a unique function to every form.

## 1. INTRODUÇÃO

O domínio de referência temporal de futuro é particularmente receptivo a muitas expressões e isso não poderia ser mais bem ilustrado que no francês. O reflexo de *cantare habeo*, do latim vulgar, que deu origem à forma sintética do futuro, *chanterai*, competia, desde seus estágios iniciais de desenvolvimento, com uma série de perífrases, incluindo *aller* + infinitivo, à qual daremos especial atenção neste trabalho. Sendo, a princípio, usada para indicar movimento, esta perífrase começa sua trajetória de gramaticalização como marcador de futuro no início do século XIII, quando já havia

começado a perder seu significado original de movimento em direção a um alvo. No século XV, passa a ter um uso (coloquial) produtivo para expressar previsão, sendo admitida em discursos literários e polidos no decorrer dos séculos XVI e XVII (Fleischman 1982:82). Da mesma forma que em outras línguas, como o inglês, o futuro perifrástico (FP) do francês vem ganhando terreno desde então. Hoje em dia, pesquisas empíricas, incluindo a que descrevemos aqui, concordam ao mostrar que tal forma tem se sobreposto ao futuro flexionado (FF) como a principal expressão de futuro em muitas, se não na maioria, das variedades do francês contemporâneo falado, embora esteja ainda sujeita à competição tanto do FF, como de formas do presente com valor de futuro (P). Exemplos, com dados do francês canadense, são apresentados nas sentenças de (1) a (3):

(1) FUTURO PERIFRÁSTICO (FP)

Bien demain, tu *vas aller* (FP) au bingo, tu *vas gagner* (FP). (065/2301)<sup>1</sup>  
'Amanhã você vai (ir) ao bingo e você vai ganhar.'

(2) FUTURO FLEXIONADO (FF)

J'ai dit, "laisse faire, on *ira* (FF) à messe demain matin". (070/686)  
'Eu disse, "esquece, nós vamos à Missa amanhã de manhã".'

(3) PRESENTE COM VALOR DE FUTURO (P)

Il dit, "j'y *vas* (P) demain matin chez vous". (119/861)  
'Ele diz, "Eu vou à sua casa amanhã de manhã".'

Qualificado como o mais "afortunado" dos tempos verbais franceses (Gougenheim 1971:110), o FP assumiu diversos valores expressivos e afetivos, principalmente a capacidade que supostamente possui de permitir que o evento futuro seja considerado de modo mais comprometido, imediato, garantido e afetivo do que sua contrapartida flexionada (Confais 1995); Deshaies and Laforge 1981; Fleischman 1982; Franckel 1984; Gougenheim 1971; Imbs 1968; Leeman-Bouix 1994)<sup>2</sup>. Na verdade, o papel preciso das expressões de futuro tem sido objeto de muita controvérsia na literatura. De formas variadas, as distinções entre o FP e o FF foram relacionadas a: (a) a distância entre o tempo de fala e o evento futuro, (b) o grau de interesse, comprometimento e certeza do falante vis-à-vis o evento e (c) variação estilística (Vet 1993b:204).

Até mesmo uma inspeção casual da vasta literatura sobre o assunto revela que, de certo modo, a maioria dos estudiosos, independentemente da orientação descritivista ou prescritivista, favorece o cenário (b): as diferentes variantes são selecionadas de acordo com distinções no modo como o falante percebe o evento futuro e/ou no conteúdo semântico e/ou pragmático que ele deseja expressar. Curiosamente, no entanto, não há

---

<sup>1</sup> Os códigos remetem ao número do falante e ao número da linha no *Corpus du français parlé à Ottawa-Hull* (Poplack 1989). Os exemplos foram literalmente reproduzidos a partir dos enunciados do falante.

<sup>2</sup> Confirma, por exemplo, Colmant (1975) e Jeanjean (1988) para a visão oposta de que o FF expressa certeza

consenso em relação ao conteúdo manifesto ou à variante capaz de expressá-lo. Como apontaremos abaixo, muitos dos valores assumidos por alguns para o FP são atribuídos por outros ao FF.

Fazendo uso de uma abordagem variacionista, neste trabalho retornaremos à questão da função e significado dessas expressões temporais de futuro no francês falado através do exame e análise sistemáticos de milhares de contextos de referência temporal de futuro na fala espontânea. Mostraremos que, embora as formas das variantes continuem a se revezar na tarefa de expressar posterioridade, elas são raramente selecionadas pelos falantes com base no valor atribuído a elas tanto pela literatura descritivista quanto pela prescritivista. Isto acontece porque, basicamente, toda a referência a estados ou eventos futuros é feita pelo FP, que vem substituindo o FF em praticamente todos os contextos de uso produtivo com exceção de um, enquanto que o P faz apenas incursões incipientes em um outro contexto. Sugerimos que a falta de consenso em relação ao conjunto de significados ou funções que distinguem as variantes é consequência de um problema epistemológico que tem sua origem na dificuldade de conciliação entre a polivalência forma-função, que é característica da variação inerente, e a empreitada lingüística (distribucional) de atribuir uma única função a cada forma.

A organização deste trabalho é a que se segue: na seção 2, apresentamos fatos históricos que determinaram a situação atual, seguidos, na seção 3, de uma revisão de algumas das explicações sugeridas pela literatura para a alternância entre formas. A seção 4 esboça a perspectiva variacionista para o problema e a seção 5 descreve o *corpus* de fala espontânea do francês canadense, a partir do qual os dados foram selecionados, apontando detalhes sobre a codificação e análise. A seção 6 testa, empiricamente, os principais fatores para condicionar a escolha entre variantes, e a seção 7 conclui com algumas reflexões a respeito do domínio da referência temporal de futuro no francês contemporâneo.

## 2. A EVOLUÇÃO DO FP

A perífrase *aller* + infinitivo foi, aparentemente, identificada como futuro imediato ou próximo logo cedo, embora tenha sido oficialmente ratificada como tal somente em 1625, por Maupas (Gougenheim 1971:99). Mal sucedidos em sua procura por uma expressão latina correspondente (Gougenheim 1971:100) ao FP, por volta de 1660, os gramáticos de *Port Royal* conseguiram associá-la ao *paulopost futurum* grego, distinguindo-o, assim, do FF, embora não lhe tivessem atribuído um nome ainda. Essa tarefa coube a Abbé Antonini, que, um século mais tarde, em seu *Principes de la grammaire française, pratique et raisonnée* (1753), denominou-o *futur prochain*. A nova forma logo se tornou item oficial nas tabelas de conjugação de verbos e foi, finalmente, aceita como um auxiliar do tempo futuro próximo. A influência de sua nomenclatura, genuinamente motivada ou não, foi tão difundida que muitos ainda se referem ao FP como *futur proche*, e a idéia de proximidade do evento continua a figurar entre os significados atribuídos a ele por muitos educadores e gramáticos prescritivistas

(Battye & Hintze 1992; Grevisse 1986; Leeman-Bouix 1994). Como veremos, entretanto, a leitura de proximidade do FP permanece bastante controversa (como, aliás, muitas das outras leituras associadas a ele) e, na verdade, a maioria dos linguistas rejeita tal associação no uso contemporâneo. Retornaremos a essa questão mais adiante.

Devido, talvez, à sua precoce entrada em processo de gramaticalização como marcador de futuro, a forma *aller* + infinitivo tenha escapado a reações contrárias e conseqüente estigmatização<sup>3</sup>. É, assim, ainda mais intrigante que, desde seus usos mais prematuros, o FP tenha sido empregado apenas raramente em textos escritos, não obstante sua abundância na língua falada. Aparentemente, os escritores dos séculos XV e XVI reservavam o FP para seus personagens, esquivando-se dele eles mesmos (Gougenheim 1971:98). Cinco séculos mais tarde, tal discrepância ainda se mantém. O FP continua a superar o FF na língua falada (Bauche 1929, Chevalier 1994; Deshaies & Laforge 1981; Emirkanian & Sankoff 1985; Lorenz 1989; Pfister 1976; Söll 1983; Wales 1983; Zimmer 1994; e seção 6 abaixo), enquanto a proporção se inverte em textos escritos (Gagnon 1990; Lesage 1991; Lesage & Gagnon 1992; Stavinohová 1977; Sundell 1991). A inversão quase categórica nas proporções de FP frente a FF apontadas em algumas das fontes (compare Deshaies & Laforge 1981; Emirkanian & Sankoff 1985; e Gagnon 1990; com Lesage 1991; Lesage & Gagnon 1992; e Zimmer 1994 sobre o francês falado e escrito de Québec, por exemplo) é comparável à ruptura entre o par sintético/perifrástico do eixo do tempo passado (o *passé simple* foi sobreposto pelo *passé composé* no francês falado), e, inevitavelmente, levanta a questão das razões pelas quais o FF se mantém na língua falada. Trataremos desta questão na seção 6 abaixo.

### 3. O SIGNIFICADO DO FP, FF E DO P

A categoria temporal de futuro, como, mais abrangentemente, o domínio *irrealis*, tem sido tradicionalmente associada a uma variedade de modalidades não-factivas, isto é, atitudes do falante em relação ao conteúdo proposicional de um enunciado. Como resultado, mesmo uma asserção aparentemente objetiva que descreve um evento futuro licencia uma variedade de leituras, dependendo de como o analista interpreta a convicção, participação, interesse ou envolvimento pessoal do falante no evento, ou até que ponto ele relaciona tal evento ao estado de coisas no momento da fala. Colmant (1975), Confais (1995), Fleischman (1982) e outros enfatizam a natureza subjetiva ou psicológica das distinções; muitas delas residem tão somente na *certeza do falante* de que o evento predicado irá ocorrer. Como veremos adiante, este é o ponto crucial da secular controvérsia a respeito do significado e função das diferentes expressões de futuro.

Apresentaremos, primeiramente, algumas das interpretações tipicamente associadas às formas.

---

<sup>3</sup> Em evidente contraste com sua já-extinta contrapartida *s'en aller*.

### 3.1 Futuro perifrástico

Entre as nuances comumente atribuídas ao FP estão subseqüência ou proximidade, intencionalidade, incipiência, iminência (Confais, 1995), convicção de que o futuro irá acontecer (Confais, 1995; Vet, 1993a), sensação de inevitabilidade (Confais, 1995), envolvimento do falante no evento (Fleischman, 1982; Leeman-Bouix, 1994) um estado presente preparatório do evento futuro (Vet, 1993a), e a já mencionada ligação psicológica com o momento da fala, relevância presente ou aspecto prospectivo (Blanche-Benveniste, 1990; Fleischmann, 1982; Jeanjean, 1988). O FP sinaliza o ponto de vista subjetivo do falante em relação ao evento no momento da enunciação, explicando sua habilidade em marcar eventos localizáveis mesmo em um futuro remoto.

### 3.2 Futuro flexionado

O FF, por outro lado, é visto por muitos como sendo mais “neutro e psicologicamente independente”. Não expressa nem envolvimento pessoal nem uma percepção de que o evento futuro é um prolongamento da situação no momento da fala (Confais, 1995: 398; Fleishman, 1982). É usado somente para referir a eventos futuros, e não às fases de preparação no momento da fala (Vet, 1993a). A predicação de um evento futuro com FF sugere que o falante não tem provas de que aquele evento futuro irá ocorrer; sua realização e/ou seu valor de verdade são duvidosos, hipotéticos, o que explica porque somente o FF pode expressar uma suposição sobre o futuro (Confais, 1995: 399). As noções de inferência e imaginação (Reid, 1955), ruptura com o presente, conjectura, indeterminação, imposição e atenuação (tanto polida como “prudente” (Imbs, 1968)) são também associadas ao FF.

### 3.3 Presente com valor de futuro

A interpretação da variante presente com valor de futuro, quando permitida, é bastante similar àquela do FP. O P fornece uma garantia acerca da verdade da proposição (Confais, 1995: 397): o evento futuro já se iniciou; o falante está confiante da sua concretização (Imbs, 1968). Prefere-se o uso do P quando o evento futuro é determinado ou planejado; já tendo sido satisfeitas, no momento da fala, as condições (necessárias e suficientes) para sua realização (Vet, 1993b: 75).

As supostas propriedades que as expressões temporais de futuro têm de expressar modalidades epistêmicas além da posterioridade levaram alguns estudiosos (ver Fleischman, 1982: 154) a afirmar que um antigo tempo futuro está se transformando (ou já se transformou) em um modo<sup>4</sup>. O caráter “subjetivo” do FF e o caráter mais “objetivo” do FP podem estar relacionados às modalidades específicas associadas a

---

<sup>4</sup> É interessante notar que muitos dos significados atribuídos às expressões de tempo futuro são também tradicionalmente imputados ao subjuntivo francês, uma outra modalidade *irrealis*. A análise empírica mostrou que, no francês canadense falado (Poplack, 1992; Poplack, 1997), assim como em outros dialetos do francês, empiricamente estudados, essa escolha é morfo-sintática e não semanticamente condicionada.

cada um (Confais, 1995: 402). Mas muitas das funções (leituras, nuances, efeitos) que, em princípio, distinguem uma das variantes, têm sido atribuídas às outras. Compare-se algumas das nuances atribuídas ao FF (ver Imbs, 1968: 50; Stavinochová, 1977: 119), -- comando, convite, sugestão, desejo, apelo, atenuação polida, atenuação “prudente”, probabilidade – com aquelas que Gougenheim (1971: 108) assume serem “marcadas” pelo FP, incluindo comando e convite, assim como impaciência, indignação e ameaça, irônica ou não.

Mas mesmo essa pletora de valores modais não consegue dar conta de todos os contextos nos quais as formas se mostram intercambiáveis. Por isso, sugere Confais (1995:400), a atitude pragmática do falante com relação ao *papel* de seu enunciado deve ser levada em consideração (ver também Helland, 1995). Nesse contexto, é elucidativo comparar a análise que Confais faz do FF com as modalidades do FP dadas acima:

“Dessa perspectiva o FF funciona menos como um veículo das convicções do falante em relação ao conteúdo não-verificável de seu enunciado do que como um sinal de seu *comprometimento* vis-à-vis seu enunciado, que é, neste caso, mais *orientado para a ação*. ... O FF é mais usado para “atrair o interesse” do interlocutor, consolar, tranquilizar, prometer, dar instruções, etc. ... ‘evoca mais uma preparação para um evento do que o evento em si’... Esta é a razão de haver tantos mais usos perlocucionários [do FF] do que do FP.” (Confais, 1995: 401, tradução nossa)<sup>NT</sup>

Se há um ponto de concordância entre essas análises é o fato de que as formas diferentes apresentam significados diferentes (ou se prestam a interpretações diferentes). Há menos consenso acerca de quais são os significados e de quais formas os representam. Uma das razões é que o significado dos elementos contextuais relevantes é geralmente atribuído à forma em si. Desse modo, *vouz quitterez* (FF) *cette femme* ‘você deixará essa mulher’ no contexto do exemplo (4) torna-se uma prova, para Imbs, de que a seleção do FF significa um “comando que não tolera recusa”<sup>5</sup>.

(4) *Vouz quitterez* (FF) *cette femme*. Tout à l’heure je vous en priais, maintenant je vous l’ordonne. (Dumas fils, cited in Imbs 1960:50)  
‘Você deixará essa mulher. Antes eu implorava a você; agora eu lhe ordeno.’

Outro ponto de acordo é que há uma considerável sobreposição conceitual entre os significados propostos. De fato, apesar dos esforços cada vez mais refinados e sofisticados para associar cada forma a um conjunto mutuamente exclusivo de

---

<sup>NT</sup> O excerto acima foi traduzido para o português a partir da tradução para o inglês feita pela autora (N. das T.)

<sup>5</sup> Ironicamente, essa confusão entre contexto e forma não se perdeu em Imbs. Afirmando que o futuro volitivo (FF) expressa “todas as nuances de desejo, da ordem mais brutal à simples sugestão”, ele acrescenta, “é o *tom da voz* ... que normalmente contribui para o significado volitivo” e, ainda, “apenas o tom já é suficiente” (Imbs, 1968: 50, tradução nossa) (ver NT acima).

significados ou contextos distribucionais (Blanche-Benveniste, 1990; Jeanjean, 1988; Sundell, 1991), os dados de uso não confirmam tais delimitações.

### 3.4 Assimetria forma-função

Sankoff (1988) descreve em detalhes como esse problema surge. Quando se suspeita de uma diferença de função (ou falta de intercambiabilidade) entre formas, os proponentes da relação forma-função tentam, primeiramente, definir a distinção, e depois ligá-la a co-ocorrências contextuais categóricas. Quando isso não é possível, como se viu ser o caso em relação à referência temporal de futuro, as formas alternantes são consideradas, elas mesmas, como suportes únicos da distinção semântica, pragmática, ou funcional proposta. E a natureza dessa distinção, na ausência de correlatos superficiais categóricos, passa a ser, estritamente, uma questão de interpretação individual. Daí decorre a controvérsia sobre a função e o significado do FP, FF e do P.

## 4. UMA PERSPECTIVA VARIACIONISTA DA ALTERNÂNCIA

Embora a existência de um contexto ou conjunto de contextos nos quais FF, FP e P sejam intercambiáveis comece a ser admitida por alguns não-variacionistas (ver Fleischman 1982; Vet 1993a), vimos que ainda resta um resíduo considerável de contextos (superficialmente caracterizados) nos quais a seleção entre as formas acima é relegada a considerações semânticas, pragmáticas ou mais recorrentemente *psicológicas* que subjazem a mensagem do falante. Isso permite que o analista explique a alternância entre FF, FP e P por exemplo, no contexto de *demain* ‘amanhã’ em (1 – 3), como resultante das diferenças no modo como o falante *considera* o evento futuro, em vez de analisá-las como ocorrências casuais.

Nesse sentido, Sankoff (1988: 153) ainda observa que enquanto as conotações diferentes podem sempre, *sob reflexão*, ser postuladas entre formas competidoras, e embora construções competidoras possam apresentar diferentes graus de aceitabilidade em diferentes contextos, essas distinções não precisam ser pertinentes *toda vez* que uma das variantes for usada. A hipótese que subjaz o estudo da alternância morfosintática dentro de um modelo variacionista é a de que “para certo conjunto identificável de alternâncias, essas distinções não são consideradas nem nas intenções do falante nem na interpretação do interlocutor” (Sankoff 1988: 153). Nesses casos, as distinções no valor referencial ou na função gramatical entre diferentes formas superficiais podem ser *neutralizadas* no discurso. Este é o mecanismo discursivo fundamental da variação e mudança.

#### 4.1. *Paul se marie*

Ilustramos tal neutralização com uma reanálise da “evidência” favorita de que as expressões de futuro não são intercambiáveis. Isso afeta a diferença “inquestionável” no significado de *Paul va se marier* em oposição a *Paul se mariera* (ver Confais 1995; Fleischman 1982; Imbs 1968). A partir da perspectiva das relações biunívocas entre forma e função, a seleção do FP significaria que o falante tem meios objetivos de justificar sua proposição (i.e. uma noiva), enquanto o FF resultaria na interpretação da realização do futuro como puramente hipotética (Confais 1995: 399).

Criticando uma análise semelhante de Imbs (1968) para os mesmos exemplos, Söll (1983) já havia observado (habilmente, do nosso ponto de vista) que a invocação do compromisso, a noiva, etc. era remanescente de uma onisciência do narrador vis-à-vis seus personagens. Ele preveniu que o que o autor (ou falante) estava pensando no momento da escrita (ou enunciação) da sentença não poderia mais ser recuperado, nem mesmo pela introspecção do lingüista. Segundo Söll, a interpretação do analista não é nem particularmente relevante para o problema. Ele sugere ser mais útil saber o que *o homem francês comum* acha, ou melhor, como ele *expressa* a mesma idéia, e mostra-se surpreso por essa questão ter sido negligenciada.

A ausência praticamente absoluta de uso lingüístico efetivo de qualquer dos contextos “chave” para resolver as controvérsias sobre os significados apresentados por determinadas formas tem obstruído uma busca por confirmações, que se baseiem em dados, das teorias que defendem que toda forma tem uma função distintiva correspondente<sup>6</sup>. No caso em discussão, porém, não só a sentença necessária foi freqüentemente enunciada em nosso *corpus*, como também estavam disponíveis informações em relação à probabilidade do evento (o casamento) ocorrer em 40 dos enunciados.

Podemos fazer uso dessas informações para testar empiricamente as afirmações feitas na literatura sobre a seleção da variante. A Tabela 1 examina a distribuição das três principais expressões de futuro em função da certeza do falante quanto à realização do evento futuro, distinguindo os contextos em que o evento é visto como certo, (5), ou não, (6) e (7).

(5) *Ma petite nièce elle se marie* (P) là, le 21 août. (089/940)

‘Minha sobrinha, ela se casa em 21 de agosto.’

(6) *Vouz allez voir ça, quand tu vas te marier* (FP), des meubles ça coûte cher. (007/880)

‘Você vai ver quando você for se casar, os móveis são caros.’

---

<sup>6</sup> Por exemplo, o contexto relevante que caracteriza o valor modal do subjuntivo no francês (*Je cherche une secrétaire qui sait/sache taper* ‘Eu procuro uma secretária que sabe/saiba datilografar’) não aparece entre as aproximadamente 6000 construções verbais com subjuntivo no *Corpus du français parlé à Ottawa-Hull*, no qual poderia ter ocorrido.



- (7) Si ça marche pas, bien prends ton bord, m'as prendre (M) le mien, on se **mariera** (FF) pas. (48/2161)  
 ‘Se não der certo, você toma seu rumo, eu o meu; não nos casaremos.’

Uma vez que o FP supostamente apresenta o conteúdo proposicional como muito mais *certo* do que o FF – o sujeito está se preparando para seu casamento, a noiva existe – essa forma deveria se restringir aos exemplos como em (5). Esperaríamos que o FF, que sugere que o falante não tem indícios do evento futuro, e não está certo de sua realização ou do valor verdade da predicação, fosse selecionado nos exemplos (6) e (7).

A distribuição das formas variantes em relação a esses contextos é dada na Tabela 1. A tabela mostra que quando a intenção clara está envolvida, o FF é de fato evitado. Note-se, no entanto, que a variante favorecida não é o FP, conforme previsto na literatura, mas P<sup>7</sup>. Do mesmo modo, quando não se pode inferir qualquer intenção, observamos um aumento na seleção de FF – não às custas de uma redução no uso do FP, mas do P. Além disso, notamos que quase todos os usos do FF e do P atestados aqui ocorrem nos ambientes específicos em que sua seleção, conforme mostraremos (seção 6), é quase categórica, não importando outras considerações, tais como contextos negativos, como em (7), e expressões adverbiais de tempo específico, como em (5). A variante favorecida nos contextos mais hipotéticos é claramente o FP (55%), contrariamente ao assumido na literatura. Tomamos tais resultados como uma primeira evidência de que as restrições que condicionam a escolha das variantes pelos falantes não precisam coincidir com aquelas propostas pelos linguístas.

Tabela 1: Distribuição das expressões de futuro para <i>se marier</i> de acordo com a certeza do falante no que diz respeito à realização do evento futuro							
VARIANTE	FP		FF		P		TOT
Atitude do falante vis-à-vis o evento	%	N	%	N	%	N	
Certeza da realização	<b>38</b>	5	-	-	<b>62</b>	8	<b>13</b>
Incerteza da realização	<b>55</b>	15	<b>37</b>	10	<b>7</b>	2	<b>27</b>

Os resultados da Tabela 1 justificam a hipótese da neutralização no discurso que subjaz o estudo da variação sintática (ver também Vet 1980). Sankoff (1988: 154) observa, no entanto, que a maioria dos estudiosos que defende a isomorfia restrita entre forma e função contestaria essa afirmação. A idéia, portanto, permanece uma hipótese, assim como sua antítese – a de que o conjunto total de distinções de uma forma seja acionado a cada uso, quer pelo falante quer pelo ouvinte.

Neste artigo, testamos essas hipóteses por meio de uma análise sistemática da distribuição e condicionamento do FF, FP e do P na fala espontânea do francês. Demonstraremos que dentro do domínio da referência temporal de futuro – seu local de ocorrência preferencial, o FF, FP e P são variantes clássicas de uma variável linguística.

<sup>7</sup> Note-se que o uso de P neste contexto não é incompatível com os usos que tendem a ser atribuídos a ele.

Dentro desse contexto variável, embora se observe que cada uma das variantes co-ocorra em cada subcontexto que conseguimos operacionalizar, a seleção entre elas não é nem livre nem idiossincrática. Pelo contrário, mostraremos que as três variantes se revezam na tarefa de expressar o futuro, embora de modo bastante diferente daquele freqüentemente assumido na literatura.

## 5. METODOLOGIA

### 5.1. Dados

Os dados em que se baseia esse estudo foram extraídos do *Corpus du français parlé à Ottawa-Hull* (Poplack 1989), um vasto compêndio (mais de 3.5 milhões de palavras) de conversações (“vernáculo”) bastante informais com nativos francófonos residentes na região da capital nacional do Canadá. O *corpus*, colhido através das técnicas sociolingüísticas padronizadas, contém milhares de exemplos de uso espontâneo da morfologia de futuro e de referência a eventos futuros, mas não julgamentos ou respostas à questões relacionados ao seu uso. Um *corpus* dessa natureza se mostra ideal para a investigação de como as expressões de futuro são empregadas sem reflexão, seja devido à quantidade significativa de dados de fala que contém, seja pela possibilidade que oferece de situá-las no contexto social. As entrevistas transcritas de um subconjunto representativo de 60 falantes, estratificados segundo gênero, idade, nível educacional, profissão e proficiência em inglês foram analisadas exaustivamente, e toda forma verbal 1) que fazia referência não-ambígua ao tempo futuro e/ou 2) apresentava morfologia de futuro foi considerada, totalizando 6376 ocorrências.

### 5.2. Circunscrevendo o contexto da variável

Uma primeira leitura dos dados rapidamente revelou que muito da controvérsia que envolve a distribuição, o uso e o significado das expressões de futuro em francês tem suas raízes não apenas na assunção amplamente difundida, se não implícita, da isomorfia entre forma e função, como também na incapacidade de se distinguir o uso temporal de outros usos. O estudo sistemático das formas competidoras requer que não só as formas, mas também os contextos nos quais as diferenças entre elas se neutralizam, sejam identificados. As questões recorrentes acerca da intercambiabilidade entre as formas e mesmo da possível sobreposição de uma pela outra não podem ser satisfatoriamente respondidas sem que se faça referência aos vários contextos em que elas tipicamente ocorrem ou deixam de ocorrer. Isso já foi eloqüentemente apontado por Söll (1983: 16), que critica a falta de informação sobre as freqüências relativas das formas em *contextos similares*.

Este estudo difere da maioria reportada na literatura ao assumir como ponto de partida, não as formas sob investigação, mas o domínio da referência temporal de futuro em si. Ao examinar a distribuição e o uso das formas nas diferentes configurações contextuais que constituem o domínio temporal, podemos não só

determinar quais são as variantes preferencialmente usadas em cada contexto, como também precisar a natureza dos fatores que promovem ou inibem sua seleção. Isso requer que o local da variação seja definido. Começamos, portanto, circunscrevendo o “contexto variável” (i.e. o(s) contexto(s) no(s) qual(is) todas as variantes podem co-ocorrer), cuja análise engloba toda e qualquer referência não-ambígua a um estado ou evento que ocorre num momento posterior ao momento da fala.

### 5.3. Exclúsões

Investigar o uso das variantes no contexto variável implica excluir da análise quantitativa (embora não da lingüística) descrita abaixo, os futuros falsos (que apresentam morfologia de futuro mas não se referem ao tempo futuro), e os futuros verdadeiros, que exibem um comportamento invariante ou cristalizado. Aproximadamente um terço das ocorrências inicialmente selecionadas cai em uma dessas categorias, seja porque envolvem usos não-futuros, bastante freqüentes, como em (8), seja porque exibem possível movimento espacial, como em (9)<sup>8</sup>.

(8) Des foils ils **vont changer** (FP) des affaires parce que ça **plaira** (FF) pas au monde des fois. (001/365)

‘De vez em quando eles mudam as coisas porque elas não agradam a todo mundo de vez em quando.’

(9) Viens, on **va chercher** (FP) Adelaïde pour jouer au piano. (048/2944)

‘Venha, vamos encontrar Adelaide para tocar piano.’

Outras ocorrências podem ser consideradas como remetendo ao tempo futuro. Tais ocorrências, no entanto, ou não admitem todas as variantes (por exemplo, a prótase do complexo-*si* condicional, como em (10a e b), que excluem o FF), ou não apresentam variação, i.e. são categoricamente realizadas por uma forma ou outra. Esse é o caso de um bom número de expressões cristalizadas, como *que c’est tu voudras* em (c), ditos, canções ou provérbios, como em (d), e citações de fontes literárias, como em (e). Esses e outros usos não-produtivos (por exemplo, comentários metalingüísticos, como em (f)), assim como usos ambíguos (por exemplo, entre referência ao futuro ou a atividades habituais) foram excluídos dos cálculos finais.

(10) a. La prochaine fois, s’il **est** (P) bon dans son examen... (011/612)

‘Na próxima vez, se ele se sai bem no exame...’

---

<sup>8</sup> Pelo menos um terço das exclúsões consiste da variante “defectiva” *m’as*, como em (14). Dado que essa forma está limitada aos contextos de 1ª pessoa do singular, nos quais é usada em mais de 40% dos usos variantes, e está totalmente ausente de contextos negativos, sua inclusão na análise das regras variáveis reportada na seção 6 teria distorcido os resultados quantitativos. Com exceção da sua forte associação com o verbo *dire* na expressão *m’as te dire* ‘*Eu vou te dizer*’, análise independente revela que sua função é a de uma variante socioestilística do FP. (Conferir Mougeon et al., 1988 para discussão detalhada)

- b. Si mon horoscope **va arriver** (FP)... (065/2327)  
 ‘Se meu horóscopo vai acertar...’
- c. Um morceau de beurre, um morceau de graisse, une tasse de fleur, *que c’est tu voudras* (FF). (080/3191)  
 ‘Um pouco de manteiga, um pouco de gordura, uma xícara de farinha, aquilo que quiserás.’
- d. C’est comme qu’ils disent, qui a bu **boira**. (FF) (101/1315)  
 ‘É como se diz, “A galinha cisca. Mesmo sobre um monte de trigo, ela continuará ciscando.”
- e. Dans Bible ça dit “Et les hommes **auront** (FF) la terre, ils **feront** (FF) la terre de [sic] quelque chose de bom”. (001/622)  
 ‘Está na Bíblia, “E o homem terá a terra e fará dela algo de bom.”
- f. Ça c’est un patois. Par exemple, “Je **reviens** (P) back.” À la place de dire “Je **vas revenir** (FP) dans une minute,” là, “je **reviens** (P) back”. (034/1489)  
 ‘Isso é um dialeto. Por exemplo, “Eu volto”. Em vez de dizer, ‘Eu vou voltar num minuto”, é “eu volto”.’

Mantivemos para este estudo um total de 4533 ocorrências de verbos com referência não-ambígua ao tempo futuro.

### 5.3. Codificação

Cada ocorrência mantida para a análise foi codificada de acordo com uma série de fatores que capturavam as motivações atribuídas pela literatura prescritivista e/ou descritivista à escolha entre FP, FF e P, assim como nossas próprias observações acerca do uso das variantes. Dessa maneira, comparamos as asserções sobre os usos das expressões temporais de futuro com o seu efetivo emprego espontâneo pelos falantes. Embora não diretamente relacionados às observações feitas na literatura linguística, mostramos que os fatores de natureza extralingüística são também relevantes para a nossa compreensão do papel atual das variantes no paradigma verbal do francês.

#### 5.3.1. Operacionalizando distinções

A natureza subjetiva, intencional e psicológica das distinções pragmáticas e/ou semânticas tão freqüentemente invocadas na literatura é excessivamente difícil, se não completamente impossível, de operacionalizar, e, portanto, apresentam-se problemáticas para a testagem empírica. Por exemplo, as contribuições da *intenção*, tipicamente associada à escolha do FP, ou da possibilidade hipotética, geralmente associada ao FF, não podem ser acessadas objetivamente a menos que o falante ofereça alguma evidência clara da sua atitude vis-à-vis a predicação de futuro. Em uma revisão de duas análises distribucionais quantitativas de FF e FP de B. e S. Lorenz, Vet caracterizou seu método como insuficientemente sofisticado para determinar se “em ambos os casos o falante/escritor *intenciona* expressar o mesmo significado” (Vet

1993b: 206, ênfase adicionada). Sugerimos que não se trata de uma falha do método variacionista (ou dos Lorenzes) mas sim de um problema mais geral que procura relacionar os dados da introspecção ou exegese *postfacto* ao uso. Salientamos, com Sankoff (1988), que nosso único acesso às intenções do falante se dá por meio de seus enunciados, assim como nosso único acesso às interpretações do ouvinte se dá por meio de suas respostas.

Para evitar circularidade, nossa codificação dos fatores semânticos que conseguimos operacionalizar não se baseia no significado que, acredita-se, uma dada variante assume, mas nos indicadores contextuais independentes de tal significado, quando presentes. Enquanto consciente das asserções de que as formas em si são os únicos portadores do significado, assumimos, dada a redundância que caracteriza outros domínios gramaticais, que pelo menos algumas das formas co-ocorrerão com o suporte de elementos contextuais. Fazemos uso desses fatos de co-ocorrência para determinar se e em que magnitude os contextos considerados motivadores da escolha da variante estão operativos no uso do falante.

As hipóteses lingüísticas que investigamos capturam um número de propriedades léxico-semânticas e morfosintáticas dos contextos nos quais as variantes aparecem. Algumas se relacionam ao verbo: tipo lexical, classe de conjugação, freqüência textual e estatividade; outras, ao sujeito: pessoa e número gramatical, animacidade. No nível sintático, investigamos os efeitos do tipo de oração (por exemplo, condicional, temporal, interrogativa), da presença e tipo de especificação adverbial (específica vs. não-específica), da seqüência temporal (*consecutio temporum*) e da negação, e num nível discursivo mais amplo, da distância temporal entre o momento da fala e o evento futuro, da iminência, do evento contingente vs. assumido e do conteúdo expressivo da proposição (por exemplo, citação, referência bíblica, comentário metalingüístico, etc.).

## 6. RESULTADOS

### 6.1. Distribuição geral das variantes

Embora a referência a eventos ou estados futuros tenha sido feita a partir de pontos no presente, como em (11), no passado (12), e no momento anterior (13), e por meio de variantes diversas, que incluem *être pour*, como em (12), *m'as* (restrito à 1ª p.s.), como em (14), o subjuntivo (restrito ao complementizador temporal *maisque*) como em (15), e verbos sem sujeito como em (16), praticamente todas (97%) as referências ao futuro estão ancoradas no momento da fala, e são expressas por meio de três variantes desigualmente distribuídas: FP, FF e P (Tabela 1). É isso que enfatizamos a seguir.

(11) Si jamais demain je meurs, j'*emmène* (P) mon souffle avec moi. (059/1458)  
'Se eu morro amanhã, levo meu sopro comigo.'

(12) Je demandais à Sainte Vierge pour voir si j'*étais pour mourir* (E). (45/1278)

‘Estava perguntando à Santa Virgem para ver se eu estava para morrer.’

- (13) Quand vous **allez avoir fait** (A) votre sieste, bom là vous pourrez vous lever.  
(115/717)

‘Quando você tiver tirado sua soneca, bem, você poderá se levantar.’

- (14) Il dit, “**M’as** (M) le prouver que ça ment, la Bible.”(001/544)

‘Ele disse, “Vou provar que a Bíblia mente.”’

- (15) Maisque j’**alle** (S) travailler, ça **sera** (FF) pas mon catéchisme qui va me donner  
(FP) de l’ouvrage. (034/1137)

‘Quando eu for trabalhar, não será meu catecismo que vai me arrumar um emprego.’

- (16) **Falloir** je me lève encore pour te montrer. Me lèverai (FF) pas. (085/1584)

‘Tenho que me levantar de novo para te mostrar. Não me levantarei.’

A distribuição geral das três principais variantes da expressão de futuro está na Tabela 2. A tabela mostra que o FP é a maneira preferida de expressar o tempo futuro, empregada em aproximadamente  $\frac{3}{4}$  dos dados, enquanto a variante flexionada não ocorre mais de 20% das vezes. Com exceção do P, cujo uso não foi empiricamente investigado em outros *corpora* de língua falada, essa distribuição corrobora basicamente resultados empíricos obtidos em outras variedades do francês canadense falado, como aqueles de Emirkanian e Sankoff (1985), Deshaies e Laforge (1981) e Zimmer (1994), e em menor grau aqueles do francês falado em geral (Gougenheim 1964; Jeanjean 1988; Pfister 1976; Söll 1983). Por outro lado, divergem crucialmente das análises sobre a língua escrita, como aquelas de Lesage (1991), Gagnon (1990), e Sundell (1991), que apresentam uma inversão ao relatar uma vasta e freqüente maioria de FF.

Tabela 2: Distribuição das principais variantes das expressões de referência ao tempo futuro

	%	N
Perifrástico (FP)	73	2627
Flexionado (FF)	20	725
Presente (P)	7	242
TOTAL		3594

A esmagadora preferência pelo FP na língua falada nos leva a questionar quais seriam as motivações para a seleção do FF ou do P. Encaramos a seleção das variantes como o produto de uma série complexa de considerações resultantes da contribuição simultânea de uma gama de fatores contextuais agora coincidentes e competidores, como aqueles listados na seção 5.3.1. acima. A fim de modelar o mecanismo de escolha, submetemos os dados ao programa *Goldvarb*, um aplicativo de regras

variáveis da *Macintosh* (Rand & Sankoff 1988). A análise de regras variáveis determina quais fatores contribuem com efeitos estatisticamente significativos para a escolha da variante quando todos são considerados simultaneamente, assim como a magnitude relativa dos efeitos vis-à-vis um ao outro (expresso nas Tabelas 3 e 4 pelo *range*<sup>NT</sup>). Portanto, tal análise se mostra particularmente adequada à investigação da questão da expressão de tempo futuro no francês. Entre os fatores inicialmente investigados, *tipo de oração, animacidade do sujeito, estaticidade lexical e seqüência temporal* não se mostraram significativos para explicar a variação, e não serão discutidos aqui. Os resultados da análise dos fatores sociais e lingüísticos são apresentados nas Tabelas 3 e 4.

Tabela 3: Três análises de regras variáveis para a contribuição de fatores LINGÜÍSTICOS selecionados como probabilisticamente significativos para o uso das variantes Futuro FLEXIONADO (FF), PERIFRÁSTICO (FP) e PRESENTE com valor de futuro (P) nos contextos de referência temporal futura. Efeitos de fatores independentes aparecem em negrito.

	<b>FF</b>	<b>FP</b>	<b>P</b>
Média corrigida	.145	.727	.052
Número total (/variante)	725	2627	242
<b>DISTÂNCIA TEMPORAL</b>			
Proximal	.52	.56	.44
Distal	.48	.43	.57
<i>RANGE</i>	4	13	13
<b>TIPO DE ESPECIFICAÇÃO ADVERBIAL</b>			
Não-específico	<b>.85</b>	<b>.19</b>	<b>.58</b>
Sem expressão adverbial	<b>.47</b>	<b>.56</b>	<b>.46</b>
Específico	<b>.37</b>	<b>.23</b>	<b>.78</b>
<i>RANGE</i>	45	37	32
<b>CONTINGÊNCIA</b>			
Contingente	.51	[ ] <sup>9</sup>	[ ]
Assumido	.45	[ ]	[ ]
<i>RANGE</i>	6		
<b>IMINÊNCIA</b>			
Não-iminente	[ ]	[ ]	.54
Iminente	[ ]	[ ]	.13

<sup>NT</sup> O termo *range* expressa diferenças de extensão entre o maior e o menor índice de cada fator.

<sup>9</sup> Os colchetes indicam que o fator não foi selecionado como significativo pela análise de regressão multivariada.

**PESSOA GRAMATICAL**

<i>Vous</i> formal	<b>.81</b>	<b>.22</b>	[     ]
Outras	<b>.49</b>	<b>.51</b>	[     ]
<b>RANGE</b>	<b>28</b>	<b>29</b>	

**NEGAÇÃO**

Negativa	<b>.99</b>	<b>.01</b>	[     ]
Afirmativa	<b>.36</b>	<b>.65</b>	[     ]
<b>RANGE</b>	<b>63</b>	<b>64</b>	

---

Fatores não-selecionados como significativos:

contingência		<b>X</b>	<b>X</b>
iminência	<b>X</b>	<b>X</b>	
pessoa gramatical			<b>X</b>
negação			<b>X</b>

---

## 6.2. Análise de regras variáveis da contribuição de fatores lingüísticos para a escolha das variantes

A Tabela 3 apresenta os resultados de três análises de regras variáveis independentes da contribuição dos fatores lingüísticos selecionados pelo procedimento de regressão multilinear incorporado ao programa de regras variáveis como significativos para a escolha de FP, FF e P, respectivamente. Quanto maior o número, maior a probabilidade de que a variante sob investigação seja selecionada no ambiente considerado. A comparação entre as análises permite uma visualização gráfica do papel de cada variante na referência de futuro.

### 6.2.1. Distância temporal

Primeiramente, consideramos o fator originalmente proposto como responsável pela escolha do FP e assim assumido ainda por muitos gramáticos prescritivistas: a distância temporal entre o momento da fala e o evento futuro. O FP tem sido tradicionalmente visto como se referindo a estados e eventos proximais e o FF, a distais, enquanto o P tem sido associado com imediaticidade (Grevisse 1986; Le Bidois & Le Bidois 1971; Wagner & Pinchon 1974). Embora vários lingüistas contestem, atualmente, tal associação (ver Colmant 1975; Confais 1995; Fleischamn 1982; Harris 1978), ela nunca foi, pelo que sabemos, empiricamente testada com base em um *corpus* de fala espontânea. A fim de assim o fazer, originalmente, subdividimos nossos dados em uma série de proximidades variando entre durante a mesma hora do momento da fala até séculos após este. Uma vez que não se detectou uma associação sistemática entre as formas usadas e a refinada gradação que havia sido estabelecida para testar a proximidade temporal, os dados foram amalgamados no fator distância temporal,



subdivididos em contextos proximais -- eventos que ocorrem dentro do mesmo dia, como em (17 a-b), e distais, exemplificados em (17 c-e).

#### (17) PROXIMAIS

- a. *À quatre heures et demi on s'en va* (P). (119/1834)  
'Às 4:30, vamos.'
- b. *Ce soir, on va te ramener* (FP) puis tu y *alleras* (FF) *à soir* à cinq heures. (071/584)  
'Hoje à noite, nós vamos trazer você de volta e você irá amanhã de noite às 5:00.'

#### DISTAIS

- c. *C'est* (P) sa fête *samedi*, elle *va avoir* (FP) huit ans. (080/71)  
'É o seu aniversário no Sábado, ela vai fazer oito anos.'
- d. Peut-être *dans 6 mois* ils *vont être* (FP) séparés. (117/1892)  
'Talvez em seis meses eles vão estar separados.'
- e. Dire que *dans quatre cents ans d'ici* il *va avoir* (FP) encore des Asselin puis ils *vont* encore *parler* (FP) français. Qu'ils *parleront* (I) pas l'anglais. (004/3611)  
'Imaginar que, daqui a 400 anos, ainda vai existir Asselin, e que eles ainda vão falar francês. Que não falarão inglês.'

A Tabela 3 mostra que a distância temporal exerce um efeito leve porém significativo na escolha da variante. Mas esse fator não permite distinguir o FP do FF, uma vez que o contexto proximal favorece ambos. Nisso eles contrastam com o P, aparentemente favorecido nos contextos distais, em oposição ao assumido na literatura. A hierarquia dos efeitos não se conforma ao previsto; além disso, também notamos que a importância relativa da distância temporal, como se pode conferir por sua *range*, é insignificante para cada variante, ao compararmos estes com os efeitos robustos de alguns dos outros fatores. Na verdade, a proximidade temporal acaba por apresentar-se altamente correlacionada com um outro fator, o tipo de especificação adverbial, tal que os contextos codificados como proximais aparecem co-ocorrendo com advérbios não-específicos, enquanto aqueles codificados como distais tendem a co-ocorrer com advérbios específicos. Esse fator exerce um efeito mais forte na escolha da variante do que a distância temporal, conforme veremos na seção seguinte. Provisoriamente concluímos, juntamente com Reid (1955), Harris (1978), Fleischman (1982) e Confais (1995), entre outros, que a distância entre o evento e o momento da fala não desempenha papel sistemático na escolha da variante.

#### 6.2.2. Tipo de especificação adverbial

De acordo com Ermikianian & Sankoff (1985), Benveniste (1990), Jeanjean (1988), Flydal (1943), Helland (1995) e Sundell (1991), a preferência pelo FF ou pelo FP varia conforme o tipo de modificador adverbial. A tabela 3 confirma que esse fator

exerce um efeito forte e estatisticamente significativo para a escolha de cada uma das três variantes. FF é preferida no contexto de uma expressão adverbial não-específica, como em (18a), embora as outras variantes também apareçam com frequência nesse contexto (18b). P, por outro lado, é associada a expressões adverbiais de tempo específico, como em (18c). (Estas associações também foram observadas na prosa jornalística de Quebec (Lesage 1991), embora P pareça estar limitado, nos textos escritos, especificamente a expressões adverbiais de tempo proximal).

- (18) a. *Tôt ou tard ils **reviendront** (FF). (023/659)*  
 ‘Cedo ou tarde eles voltarão’.
- b. *Plus tard je pense qu’il **va en avoir** (FP) de la difficulté. Je pense que tout le monde **va en avoir à un moment donné**. (098/684)*  
 ‘Mais tarde eu acho que ele vai ter problemas. Eu acho que todo mundo vai ter num dado momento.’
- c. *Là j’y **vas** (P) ce soir là, vers sept heures là j’y**vas** (P). (040/3339)*  
 ‘Eu vou hoje à noite, por volta de sete horas, eu vou.’
- d. *En quatre-vingt-trois, c’est là que ça **va commencer** (PF). (107/626)*  
 ‘Em oitenta e três, é quando isso vai começar.’

O efeito da especificação adverbial em (P) parece ser funcional ou desambiguador, uma vez que a ausência de uma expressão adverbial conferiria à asserção não-marcada uma leitura habitual; a associação de FF às expressões adverbiais não-específicas pode ser tomada como uma forma de evitar essa leitura. Nessa situação, FP, favorecida em contextos sem complemento adverbial, aparece como a opção default<sup>10</sup>. Estamos agora prontos para entender as associações aparentes (e contra-intuitivas) entre distância temporal e P, por um lado, e proximidade temporal e FF, por outro: a primeira associação mascara o efeito de um contexto adverbial específico; a outra, de um contexto adverbial não-específico.

### 6.2.3. Iminência

Entre os vários componentes da relevância presente ou aspecto prospectivo, considerados determinantes da distinção FP/FF (ver Blanche-Benveniste 1990; Fleischman 1982; Jeanjean, 1988, Vet 1993a), operacionalizamos a noção de iminência, aqui definida (de acordo com Vet) como um estado de coisas no momento da fala (ou da referência) preparatório do evento futuro, um estado no qual a realização do evento é iminente. Isto se vê em (19).

- (19) *Tu bouges ta dent, ça veut dire tu es à veille de perdre ta dent. Tu **vas** la **perdre** (FP) (004/2232)*

---

<sup>10</sup> Explicações pragmáticas derivadas da tendência de o FP ocorrer sem complemento adverbial, como em Blanche-Benveniste (1990) e Helland (1995), não dão conta da preferência significativa por FF e P em função da *especificidade* do advérbio.

‘Você move o seu dente, isto quer dizer que você está prestes a perder seu dente. Você vai perdê-lo.’

A tabela 2 mostra que o fator de *iminência* não tem qualquer efeito na escolha de FF, como esperado, ou de FP, contrariamente às previsões na literatura. Contextos não-iminentes, por outro lado, favorecem P, enquanto contextos iminentes o desfavorecem bastante. Na verdade, pela tabela 3, pareceria que o fator de iminência dá conta de grande parte da variabilidade associada à escolha de P, com uma *range* de 41. Entretanto, uma análise mais detalhada mostra que este também é um epifenômeno da especificação adverbial descrita acima. Embora FP e FF ocorram livremente tanto em contextos iminentes, como em não-iminentes, P é virtualmente evitado em contextos iminentes (N=3). Pelo contrário, quase todas as ocorrências de P foram registradas em contextos não-iminentes, e, além disso (coincidentemente), co-ocorreram nesses contextos com expressões adverbiais de tempo *especifico*, contexto que, como vimos, muito favorece essa variante. Concluímos que o fator de iminência não exerce um efeito independente na escolha da variante.

#### 6.2.4. Contingência

As noções de dúvida, conjectura, indeterminação, hipoteticidade também foram citadas como possíveis influências na realização da variante (ver Confais 1995; Deshaies & Laforge 1981; Reid 1955, entre outros), sendo o FF reservado para contextos de forte valor hipotético. Para apreendermos o efeito de hipoteticidade, adotamos a distinção entre evento contingente e assumido, presente em Fleischman (1982), como se vê em (20a-d). Em (20a-b), a realização do evento futuro depende do cumprimento de uma condição, o que explica seu valor presumivelmente mais hipotético. Sempre que a validade incondicional da asserção é assumida, o evento foi codificado como assumido (20c-d). Eventos assumidos deveriam co-ocorrer com FP. Os exemplos mostram, mais uma vez, que tanto o FF quanto o FP ocorrem em cada contexto e a tabela 3 mostra que esse fator não tem qualquer efeito na realização de FP, o mesmo se verificando para P. Por outro lado, FF é aparentemente favorecido para expressar eventos contingentes, em consistência com o que diz a literatura, embora apontemos que a magnitude desse efeito seja bastante baixa, com uma *range* de apenas 6.

#### (20) CONTINGENTE

- a. Si tu t’arranges bien avec. Il *sera* (FF) pas sévère. (001/1340)  
‘Se você fizer um acordo com ele, ele não será severo.’
- b. Je *vas le voir* (FP) si je vis assez vieille. (071/1152)  
‘Eu vou vê-lo, se eu viver tanto tempo.’

#### ASSUMIDO

- c. On sait que c’est changé puis que ça *va changer* (PF) encore. (048/354)  
‘Sabe-se que isso mudou e que vai mudar outra vez.’

- d. On **revoira** (FF) certainement pas une crise comme on a vu. (106/457)  
'Certamente não veremos outra crise como a que já vimos.'

#### 6.2.5. Pessoa gramatical e número do sujeito

Em consideração às afirmações de que o FP é mais subjetivo, ocorrendo preferencialmente em contextos de sujeitos em primeira pessoa, examinamos nossos dados observando a pessoa gramatical. Nenhuma associação particular da variante com pronomes de primeira, segunda ou terceira pessoa, NPs plenos ou outros tipos de sujeito, singular ou plural, foi detectada (contra Söll 1983; Sundell 1991). Notamos, entretanto, um aumento considerável do uso de FF no contexto do pronome formal de tratamento *vous*, exemplificado em (21a). Dividimos, então, os sujeitos em *vous* formal e outros (21b). A análise de regra variável mostra que, na verdade, FF é enormemente favorecido na presença do sujeito formal, enquanto que o FP é correspondentemente desfavorecido nesse contexto. Tomamos isso como uma indicação da natureza formal da variante flexionada. A escolha de P permanece inalterada por considerações estilísticas.

#### (21) 'VOUS' FORMAL

- a. Il dit, 'Monsieur Rémillard, on est douze, *vous passerez* (FF) pas'. (082/196)  
'Ele diz, Senhor Rémillard, somos doze, o senhor não passará.'

#### OUTROS SUJEITOS

- b. On se faisait dire que le diable **va venir** (FP) te chercher si tu faisais ci ou ça. (038/1121)  
'Eles costumavam nos dizer que o diabo vai vir pegar você se você fizer isso ou aquilo.'

#### 6.2.6. Negação

Finalmente, nos voltamos para o fator que exerce, de longe, o maior efeito na escolha entre FF ou FP no francês de Ottawa-Hull: negação do evento futuro. A tabela 3 revela que FF é esmagadoramente preferido em contextos negativos, como em (22a), com uma probabilidade de .99, enquanto FP e P são correspondentemente desfavorecidos nesse contexto, embora possam ocorrer também, como pode ser visto em (22b) e (22c), respectivamente:

#### (22) NEGAÇÃO

- a. Mais tu paieras (I) plus de taxes (078/1435)  
'Mas você não pagará mais taxas.'
- b. Puis ils **vont pas fournir** (FP) d'autobus. (062/228)  
'E eles não vão fornecer um ônibus.'
- c. Moi j'y **vas** (P) pas parce que j'ai un ouvrage. (025/2841)  
'Eu não vou lá porque eu tenho um trabalho.'

A contribuição espetacular da negação para a seleção de FF, consistentemente evidenciada em análises quantitativas (ver Lesage 1991; Sundell 1991), especialmente de dados de língua falada (ver Chevalier 1994; Deshaies & Laforge 1981; Ermikianian & Sankoff 1985; Lorenz 1989; Zimmer 1994), se mantém, com as importantes exceções de Franckel (1984) e Vet (1993a), ignoradas, não-reconhecidas ou apenas mencionadas de passagem em outros trabalhos (ver Blanche-Benveniste 1990; Jeanjean 1988; Söll 1983). Na realidade, a associação de FF a contextos negativos não foi atestada na amostra GRAMCATS de 67 línguas, usada por Bybee e colaboradores (Bybee, comunicação pessoal) para estudar a expressão de futuro. Aqueles que reconheceram o efeito, o atribuíram de formas variadas à propensão à neutralização de tempos verbais em contextos negativos (Givón 1975), ao aumento da hipoteticidade dos contextos negativos (Deshaies & Laforge 1981), e à natureza “categorial” de FF (Söll 1983). Vet (comunicação pessoal) sugere que a baixa ocorrência do FP em contextos negativos reflete a baixa ocorrência, no momento da fala, do evento/estados precursores ou preparatórios anunciando a ausência de um evento/estado futuro. Enquanto tais explicações podem, de fato, ser consistentes com os significados que seus proponentes atribuem ao FF, elas não podem explicar por que outros contextos que são, teoricamente tão propícios, semântica e/ou pragmaticamente, ao uso do FF, apresentam tão poucas ou mesmo, nenhuma ocorrência de tais formas<sup>11</sup>. Qualquer que seja a razão exata para a redução de domínios apropriados à seleção do FF em particular, enfatizamos que contextos negativos, que por si só, dão conta de menos de 10% dos dados, são os únicos que restam, nos quais o FF é usado *produtivamente* no francês falado no Canadá.

Apontamos, anteriormente, que alguns efeitos aparentes na tabela 3 poderiam ser tomados como epifenômenos do efeito de especificação adverbial, em análises mais detalhadas. Quando os contextos de negação, altamente influentes, são removidos do conjunto de dados, apenas dois fatores (em negrito na tabela 3) exercem um efeito *independente* para a escolha do FF: co-ocorrência com um advérbio não específico, e uso em estilos de fala e situações formais.

### 6.2.7. Outros fatores

#### 6.2.7.1. Tipo lexical

Parte da literatura empírica (ver Blanche-Benveniste 1990; Jeanjean 1988; Pfister 1976; Söll 1983; Sundell 1991) faz alusão ao fato de que certos verbos têm uma propensão particular a co-ocorrerem com uma forma verbal particular. Tal associação, se bem que fraca, é também facilmente detectável no francês de Ottawa-Hull entre uma pequena classe de verbos lexicais e o FF. Interessantemente, muitos desses são os mesmos encontrados em outros contextos (Poplack 1992; Poplack 1997), associados à (de outra forma não-produtiva) seleção do subjuntivo no mesmo *corpus*: o conjunto de

---

<sup>11</sup> Também notamos que o subjuntivo, igualmente imbuído dos significados de não-asserção e hipoteticidade, é praticamente inexistente em contextos negativos (de seleção subjuntiva) (Poplack 1992).

verbos altamente freqüentes e/ou morfologicamente irregulares, em particular *vouloir* (77% FF), *pouvoir* (50%), *savoir* (37%), *revenir* (37%), *être* (23%), *avoir* (22%). Cada um dos verbos *faire*, *dire*, *aller* e *voir* co-ocorrem com o FF em 15% ou menos das vezes. Como também foi observado para o subjuntivo (ibid.), outros verbos lexicais têm aversão ao FF, co-ocorrendo com ele raramente ou nunca. Entre eles estão *partir* (4%), *mourir* (3%), *commencer* (2%), *falloir* (1%), *manger* (0%), *monter* (0%), *s'asseoir* (0%), e curiosamente, o epônimo para o FF, *chanter* (0%)!

Para Jeanjean e Blanche-Benveniste, as características inerentes aos verbos que eles assumem ser associados ao FF (estatividade, aspecto prospectivo) são consistentes com a interpretação semântica que eles dão ao FF. Em nossos dados, como observado na seção 6.1 acima, estatividade lexical não desempenha papel distintivo na escolha da variante. Além disso, com exceção de *vouloir* (um constituinte muito freqüente de expressões cristalizadas com o FF, como em (10c) acima) e *pouvoir*, todas as associações que reportamos ficam bem abaixo da marca de 50% e mesmo esses números estão contaminados pelo efeito devastador da negação. Se os dois últimos são excluídos, o número de verbos que co-ocorrem com o FF em pelo menos 15% das vezes cai para cinco. Nossa tendência, então, é concordar com Söll e outros que atribuem a preferência pelo FF à freqüência textual e à saliência da forma. A propensão de apenas alguns tipos lexicais a receber o FF aumenta a evidência contra seu uso produtivo como um marcador de tempo futuro no francês falado.

#### 6.2.7.2. Conteúdo expressivo da proposição

Embora tenhamos visto que a seleção do FF se dá, em geral, muito raramente, há uma classe de proposições na qual o FF é a norma: aquela em que é visto como uma parte “imutável” do enunciado. Este é o caso de citações diretas de Deus ou Jesus, como em (23), que são sempre reproduzidas com o FF (em contraste com os seres menores, que são citados com o FF em apenas 13% das vezes), bem como de preces, salmos e outras citações da bíblia (24); canções, provérbios e rimas infantis (25), e expressões cristalizadas, como em (26).

(23) a. Le Bon Dieu a dit, ‘Tu ne **tueras** (FF) point’. (107/1637)

‘O Bom Deus disse, “Não matarás”<sup>12</sup>.’

b. Dieu a toujours dit, ‘Aide-toi et le ciel t’**aidera** (FF)’. (113/855)

‘Deus sempre disse, “Ajude teu próximo e o Céu te ajudará”.’

(24) La Bible elle mentionne justement qu’à la fin des temps...la fausse religion **sera** (FF) détruite. (092/626)

‘A Bíblia, ela menciona que, no final dos tempos, a falsa religião será destruída.’

(25) a. C’est comme qu’ils disent, hein? ‘Qui a bu **boira** (FF).’ (101/1315)

---

<sup>12</sup> A formalidade marcada de (23a) é mais evidenciada pela presença rara das partículas negativas *ne* e *point*.

‘É como se diz, né? “A galinha cisca. Mesmo sobre um monte de trigo, ela continuará ciscando.”

- b. Faut pas dire, ‘Fontaine, je *boirai* (FF) jamais de ton eau’. (115/888)  
Nunca diga, “Dessa água não beberei”.’
- (26) a. Si il vient une crise là, si c’est comme...ce *sera* (FF) pas des farces. (048/518)  
‘Se uma crise vem, se ela é como...não será uma piada.’
- b. Je le sais pas, on *voira* (FF) bien ça. (040/3515)  
‘Eu não sei, veremos.’

A natureza cristalizada, freqüentemente arcaica, destes usos preferenciais do FF é, logicamente, consistente com sua preponderância em contextos como os de “*vous*” formal descrito acima, e traz mais suporte para sua natureza amplamente formulaica no francês falado.

Em resumo, vimos que os contextos em que o FF perdura incluem, primeiro e principalmente, proposições negadas e, em menor escala, contextos com modificadores temporais não específicos. Estilos de fala formais (capturados pela presença de citações de fontes bíblicas e literárias, bem como do relativamente raro e altamente marcado pronome de tratamento formal *vous*) também favorecem o FF. P não é afetado pela maioria dos fatores que restringem a escolha entre as variantes flexionada e perifrástica. Observe que os contextos que favorecem o FF são não apenas “marcados” sintaticamente e/ou pragmaticamente, mas são também relativamente raros no discurso contínuo. O caráter “marcado” do FF também pode ser confirmado a partir de seu número reduzido de ocorrências e de sua “média corrigida” (i.e. propensão global de ocorrência) de apenas .145 na tabela 3. Os numerosos contextos *não-marcados* correspondentes (i.e. aqueles que não tem especificação adverbial ou qualquer nuance de formalidade) favorecem FP. Isso encoraja nossa hipótese de que o FP funciona como uma opção *default* para sinalizar posterioridade, enquanto o FF fica restrito a contextos negativos, formais e formulaicos. P, embora raramente selecionado (tabelas 2 e 3), está invadindo o domínio de referência temporal através dos contextos modificados por expressões adverbiais de tempo específico.

A configuração dos fatores selecionados como significativos para as probabilidades de escolha da variante e as correspondentes hierarquias de restrições apresentadas na tabela 3 sugerem que as três expressões de futuro se apropriaram, cada uma delas, de uma parcela preferencial do domínio de referência temporal de futuro, embora ainda haja alguma sobreposição entre elas. O FF é selecionado em contextos negativos e de expressões adverbiais de tempo não-específico, bem como em estilos de fala formal e formulaica. P é preferido em contextos modificados por expressões adverbiais de tempo específico. O FP é a norma em qualquer outro contexto, não importando, aparentemente, considerações semânticas ou pragmáticas. Essas descobertas são amparadas pelos resultados da análise de regra variável dos fatores sociais, para os quais nos voltamos agora.

### 6.3. O contexto social do uso da variante

Apontamos anteriormente que, embora nenhuma das teorias sobre a escolha das variantes dependa de fatores de natureza extra-lingüística, a pesquisa baseada em dados nos permite situar nossas descobertas lingüísticas em contextos sociais. Em seguida, examinamos a contribuição de fatores sociolingüísticos padronizados (idade, gênero, educação e mercado ocupacional) para a escolha da variante. Uma vez que a região estudada é massivamente bilíngüe, sempre se sugere que os padrões exibidos são devidos ao contato com o inglês. O *Corpus du français parlé à Ottawa-Hull*, que foi construído com o objetivo específico de medir o efeito do contato lingüístico no francês, nos permite verificar a possibilidade de mudança induzida por contato através do exame da distribuição dos dados de acordo com a classificação do falante em um Índice de Proficiência em Inglês (Poplack 1989). Nenhuma correlação entre o uso das variantes e o nível de bilingüismo foi detectada.

Tabela 4: Três análises independentes de regra variável sobre a contribuição dos fatores sociais selecionados como significativos para a probabilidade de as variantes FLEXIONADA (FF), PERIFRÁSTICA (FP) e PRESENTE (P) serem selecionadas em contextos de referência temporal de futuro

	FF	FP	P
Média corrigida:	0.197	0.733	0.065
N total (/variante)	2637	718	246
<b>IDADE</b>			
55+	.56	.44	[ ]
35-54	.49	.51	[ ]
15-34	.48	.54	[ ]
<i>RANGE</i>	8	10	
<b>OCUPAÇÃO</b>			
Não-Qualificado	[ ]	[ ]	[ ]
Vendas e Serviços	[ ]	[ ]	[ ]
Profissional	[ ]	[ ]	[ ]
Qualificado	[ ]	[ ]	[ ]
<i>RANGE</i>			
<b>GÊNERO</b>			
Feminino	[ ]	[ ]	[ ]
Masculino	[ ]	[ ]	[ ]
<i>RANGE</i>			
<b>EDUCAÇÃO</b>			



Primária	[ ]	[ ]	[ ]
Secundária	[ ]	[ ]	[ ]
Terciária	[ ]	[ ]	[ ]

**RANGE**

**Fatores não selecionados como significativos:**

Idade			X
Ocupação	X	X	X
Gênero	X	X	X
Educação	X	X	X

Os resultados da análise de regra variável, apontados na tabela 4, revelam que outros efeitos extra-lingüísticos também são raros, o que é consistente com a observação (informal) de que nenhuma das principais expressões de futuro é particularmente estigmatizada ou prestigiada. Na verdade, apenas um fator extra-lingüístico é selecionado como significativo para a escolha do FP ou FF: a idade do falante. As duas variantes podem ser encaradas como participantes da mudança (gradual) em progresso: o FF é mantido entre falantes mais velhos, enquanto que o FP se espalha entre os mais jovens. Essa mudança também foi apontada por Emirkanian & Sankoff (1985) e Zimmer (1994) para o francês de Montreal, Chevalier (1994) para o francês de New Brunswick e B. Lorenz (1989) para o francês de Paris. Nenhum outro efeito extra-lingüístico é significativo para a escolha de qualquer das variantes. Esse cenário social é inteiramente consistente com as descobertas lingüísticas que acabamos de apresentar. Em outras palavras, diferentemente do caso dos *marcadores sociolingüísticos* genuínos nessa comunidade, notadamente o subjuntivo (Poplack 1992, Poplack 1997), a variante selecionada para a referência temporal de futuro não implica uma diferença *social*. Com exceção de uns poucos contextos que favorecem FF e P, respectivamente, tampouco há razão para se acreditar que haja uma diferença lingüística. Nossa sugestão é que isso se deva ao fato de o FF estar participando de uma mudança que está bem próxima de ser concluída<sup>13</sup>.

## 7. DISCUSSÃO

Fazendo uso da metodologia variacionista padrão, testamos, empiricamente, algumas hipóteses sobre a natureza dos fatores lingüísticos e extra-lingüísticos que condicionam a escolha entre as principais expressões de futuro no francês falado do Canadá. A consideração dos fatores que se revelaram significativos para essa escolha e a magnitude relativa de cada um dos fatores vis-à-vis os demais traz pouco suporte para a idéia dominante de que fatores de natureza temporal, modal, semântica ou pragmática

---

<sup>13</sup> Embora a morfologia de subjuntivo não seja usada modalmente no francês de Ottawa-Hull, ela cogita fortes associações com um número pequeno de verbos (principais e encaixados) de alta frequência. Sua substituição pelo indicativo ou condicional nesses contextos é saliente e estigmatizada; sua manutenção nesses mesmos contextos é associada a uso de prestígio.

sejam os principais determinantes da alternância entre as formas perifrástica, flexionada ou de presente com valor de futuro.

Ao contrário, nós mostramos que o FP, em vez de ser reservado para a expressão de algum evento futuro marcado, funciona como o marcador de futuro *default* no francês falado do Canadá. Essa forma não apenas penetrou, mas ocorre preferencialmente em todos os contextos que conseguimos operacionalizar: lexical, sintático, semântico e discursivo, embora alguns deles também mostrem associações (menos importantes) com uma das outras variantes. A única exceção é o contexto negativo, indiscutivelmente o domínio de FF. Os resultados lingüísticos, juntamente com a descoberta de que formas variantes participam, no momento, de uma mudança em progresso, não apenas em Ottawa-Hull, mas também em outros lugares, nos levou a sugerir que proposições negativas, juntamente com algumas expressões cristalizadas e expressões formais ou formulaicas, na verdade constituem o último bastião do uso produtivo do FF no domínio de referência temporal de futuro do francês falado. O FP, por outro lado, está em expansão e o P é incipiente, mas estável através das gerações. Isso sugere que o sistema de referência temporal de futuro do francês sofreu uma reorganização: o FP passa a ocupar a posição *default* indicando o futuro não-marcado, e P passa a ser uma opção considerável apenas em contextos de futuro temporalmente especificado. Com exceção de alguns usos fixos, o FF, cujo uso produtivo não excede 6%, é mais apropriadamente caracterizado como um item de polaridade negativa e/ou um marcador de formalidade do que como um marcador de futuro do francês falado. A situação que descrevemos aqui foi independentemente confirmada para todas as variedades do francês canadense por meio de uma metodologia semelhante à nossa. É também constatável, de forma incipiente, se não plenamente estabelecida, no francês falado na Europa, a julgar pelos resultados dos poucos estudos disponíveis. Uma comparação significativa entre o francês falado do Canadá e em outros lugares, entretanto, deve aguardar estudos sistemáticos do francês europeu que façam uso de métodos comparáveis de coleta, amostragem e análise de dados.

Os resultados desse estudo são mais uma evidência de que padrões quantitativos de ocorrência e co-ocorrência de formas variantes são relativamente inacessíveis para introspecção ou mesmo metodologia de testagem. Esse é o motivo pelo qual os francófonos (incluindo lingüistas), para quem perguntávamos sobre a raridade do FF ou sobre sua associação com negação, se mostravam desconhecedores do fato, apesar da natureza esmagadora desses efeitos no francês falado por eles<sup>14</sup>.

Identificamos pelo menos quatro razões para a discrepância entre nossas descobertas e o que se assume na literatura. Isso inclui 1) a assimetria forma-função resultante da variabilidade inerente, incitando analistas a esforços sobre-humanos para associar forma a significado, 2) a falha ao não confrontar teorias com os dados de performance lingüística real, que mostram que muitas das distinções (se, na verdade, um dia existiram) são hoje neutralizadas na fala espontânea, 3) a inferência de que

---

<sup>14</sup> Por outro lado, o escritor Michel Tremblay, de Quebec, teoricamente ingênuo, mas incrivelmente fidedigno, representa apropriadamente, não apenas a associação, mas sua magnitude (!) nos diálogos de seus personagens. Mais surpreendente ainda, a mudança lingüística em curso descrita aqui e em outros trabalhos pode ser aí identificada também (Bélanger e Pépin, 1997; Huggins-Daines et al., 1997).

textos literários (ou mesmo jornalísticos) são representativos da linguagem falada, quando o abismo entre os dois, já substancial em outros campos do francês, é particularmente espetacular em relação ao uso do FF, que, como vimos, se aproxima rapidamente da obsolescência de sua contrapartida no tempo passado, o *passé-simple*, e finalmente 4) a negligência do contexto social de uso das variantes, que revela uma mudança em progresso em favor do FP, evidente na fala das gerações mais jovens, na qual este se difunde rapidamente, não sendo restringido pela educação, classe ou outras considerações sociais.

Uma vez que tais fatos são levados em consideração, as conclusões gerais deste estudo não são tão diferentes das de outros estudos que observaram que as expressões de futuro são intercambiáveis em um grande número de contextos. A novidade aqui é a demonstração de que aqueles contextos devem ser expandidos para incluir todo o domínio de referência temporal, embora nada tenhamos a dizer sobre quaisquer usos do FF e do FP em contextos de *não-futuro* (que, com exceção da habitualidade, são em qualquer evento, excessivamente raros nos materiais falados que investigamos).

A situação que descrevemos é o reflexo contemporâneo de séculos de erosão gradual do FF. Assim como *cantare habeo* evoluiu da expressão de modalidade e aspecto prospectivo para a marcação de futuro via *chanterai*, também o FP, que pode ter se originado como um marcador de aspecto prospectivo, passou a funcionar como forma de tempo futuro. Fleischman (1982:85) e outros apontam que os primeiros usos de *aller*+infinitivo tendiam a co-ocorrer com advérbios temporais indicando futuro. Através dessa combinação freqüente, esse sentido foi finalmente transferido para a perífrase construindo o caminho para que FP aparecesse sem uma expressão adverbial de tempo como suporte e que assumisse, pelo menos em termos de distância temporal, um papel equivalente ao FF. O FF, por sua vez, foi rapidamente desocupando a posição que até então vinha ocupando como marcador de tempo futuro para assumir significados novos, claramente atemporais (ou modais). O antigo lugar de FP está sendo tomado por P, que se infiltra no domínio de referência temporal do futuro através dos mesmos contextos que seu antecessor (expressões adverbiais de tempo específico) testemunhas da natureza cíclica das expressões de tempo futuro (ver Anderson 1979; Fleischman 1982; Reid 1955).

Esses dados sincrônicos sobre a referência temporal do futuro no francês nos permite uma rara visão dos últimos estágios da mudança lingüística, embora não possamos prever com certeza se ela irá se completar. Na verdade, a exemplo do marcador pré-verbal de negação *ne*, que, apesar de ocorrer em menos de 1% dos contextos negativos tanto no francês de Montreal (G. Sankoff e Laberge 1980) quanto no de Ottawa-Hull, continua a desempenhar uma importante função estilística, o FF pode ainda perdurar como um marcador de fala essencialmente formal, e/ou item de polaridade negativa em contextos *irrealis*. *Qui vivra verra*.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Eric W. (1979). The development of the Romance future tense: Morphologization and a tendency toward analyticity. *Papers in Romance* 1: 21-35.

- ANTONINI, Annibale. (1753). *Principes de la grammaire française, pratique et raisonnée*. Paris: Duchesne.
- BATTYE, Adrian and HINTZE, Marie-Anne. (1992). *The French Language Today*. London: Routledge.
- BAUCHE, Henri. (1929). *Le langage populaire*. Paris: Fayot.
- BÉLANGER, Carole and PÉPIN, Karine. (1997). *La représentation de l'oral dans l'écrit*. Class paper, University of Ottawa.
- BLANCHE-BENVENISTE, Claire et al. (1990). *Le français parlé: études grammaticales*. Paris: Editions du Centre national de la recherche scientifique.
- CHEVALIER, Gisèle. (1994). L'emploi des formes du futur dans le parler acadien du Sud-Est du Nouveau-Brunswick. *Communication présentée au Colloque "Les Acadiens et leurs langues"*. Université de Moncton.
- COLMANT, Guy. (1975). Un nouveau futur en français? *Langage et l'Homme* 29: 51-54.
- CONFAIS, Jean-Paul. (1995). *Temps Mode Aspect: Les approches des morphèmes verbaux et leurs problèmes à l'exemple du français et de l'allemand*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail.
- DESHAIES, Denise and Ève Laforge. (1981). Le futur simple et le futur proche dans le français parlé dans la ville de Québec. *Langues et Linguistique* 7: 23-37.
- EMIRKANI, Louise and David Sankoff. (1985). Le futur simple et le futur périphrastique dans le français parlé. In *Les tendances dynamiques du français parlé à Montréal*, Monique Lemieux and Henrietta Cedergren (eds.), 189-204. Québec: Gouvernement du Québec.
- FLEISCHMAN, Suzanne. (1982). *The future in thought and language: Diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FLYDAL, Leiv. (1943). "Aller" et "venir de" suivis de l'infinitif comme expressions de rapports temporels. Oslo: Jacob Dybwad.
- FRANCKEL, Jean-Jacques. (1984). Futur "simple" et futur "proche". *Le français dans le monde* 182: 65-70.
- GAGNON, Sylvie. (1990). *La périphrase verbale aller + infinitif et le futur morphologique dans la presse québécoise contemporaine*. M.A. Thesis, Université Laval.
- GIVÓN, Talmy. (1975). Negation in language: Pragmatics, function, ontology. *Working Papers on Language Universals* 18: 59-116.
- GOUGENHEIM, Georges. (1971). *Etude sur les périphrases verbales de la langue française*. Paris: A.-G. Nizet.
- \_\_\_\_\_. et al. (1964). *L'élaboration du français fondamental (1er degré): Etude sur l'établissement d'un vocabulaire et d'une grammaire de base*. Paris: Didier.
- GREVISSE, Maurice. (1986). *Le bon usage*. Paris: Duculot.
- HARRIS, Martin. (1978). *The evolution of French syntax*. London & New York: Longman.
- HELLAND, Hans P. (1995). Futur simple et futur périphrastique: du sens aux emplois. *Revue Romane* 30(1): 3-26.

- HUGGINS-DAINES, David, AZARBAR, Kiyam, ESSEX-MACINTYRE, Kathryn and LEGAULT, Linda. (1997). *La représentation de l'oral dans l'écrit*. Class paper, University of Ottawa.
- IMBS, Paul. (1968). *L'emploi des temps verbaux en français moderne: essai de grammaire descriptive*. Paris: Klincksieck.
- JEANJEAN, Colette. (1988). Le futur simple et le futur périphrastique en français parlé. In *Grammaire et histoire de la grammaire: Hommage à la mémoire de Jean Stefanini*, Claire Blanche-Benveniste, Andre Chervel and Maurice Gross (eds.), 235-257. Publication de l'Université de Provence.
- LE BIDOIS, Georges and LE BIDOIS, Robert. (1971). *Syntaxe du français moderne: ses fondements historiques et psychologiques*. Paris: A. Picard.
- LEEMAN-BOUIX, Danielle. (1994). *Grammaire du verbe français: Des formes au sens: modes, aspects, temps, auxiliaires*. Paris: Nathan.
- LESAGE, René. (1991). Notes sur l'emploi du présent à valeur de futur dans les quotidiens Québécois. *Revue québécoise de linguistique théorique et appliquée* 10(3): 117-131.
- LESAGE, René and GAGNON, Sylvie. (1992). Futur simple et futur périphrastique dans la presse Québécoise. In *Actes du XV Congrès International des Linguistiques*, André Crochetière, Jean-Claude Boulanger and Conrad Ouelton (eds.), 367-370. Québec: Les Presses de L'Université Laval.
- LORENZ, Bettina. (1989). *Die Konkurrenz zwischen dem futur simple und dem futur périphrastique im gesprochenen Französisch der Gegenwart*. Münster: Kleinheinrich.
- MOUGEON, Raymond, BENIAK, Édouard and VALLI, André. (1988). Vais, vas, m'as in Canadian French: A sociohistorical Study. In *Linguistic Change & Contact: Proceedings of the Sixteenth Annual Conference on New Ways of Analyzing Variation*, Kathleen Ferrara, Becky Brown, Keith Walthers and John Baugh (eds.), 250-262. Austin, Texas: University of Texas, Department of Linguistics.
- PFISTER, Max. (1976). Trois problèmes morphosyntaxiques à la lumière de l'enquête sur le langage de l'enfant français de 10 ans. In *Actes du XIII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, Marcel Boudreault and Frankwalt Möhren (eds.), 451-463. Québec: Les Presses de l'Université Laval.
- POPLACK, Shana. (1989). The care and handling of a megacorpus: The Ottawa-Hull French Project. In *Language change and variation*, Ralph Fasold and Deborah Schiffrin (eds.), 411-451. Amsterdam: Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1992). The inherent variability of the French subjunctive. In *Theoretical studies in Romance linguistics*, Christiane Lauefer and Terrell A. Morgan (eds.), 235-263. Amsterdam: John Benjamins.
- \_\_\_\_\_. (1997). The sociolinguistic dynamics of apparent convergence. In *Towards a Social Science of Language, Volume 2: Social Interaction and Discourse Structures*, Gregory Guy, Crawford Feagin, Deborah Schiffrin and John Baugh (eds.), 285-309. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- RAND, David and SANKOFF, David. (1988). *GoldVarb. Logistic regression package for the Macintosh. Version 2.1*. Montreal, Canada: Université de Montréal.
- REID, T.B.W. (1955). On the analysis of the tense-system of French. *Revue des Linguistique Romane* 19: 23-38.
- SANKOFF, David. (1988). Sociolinguistics and syntactic variation. In *Linguistics: The Cambridge Survey*, Frederick J. Newmeyer (ed.) 140-161. Cambridge: Cambridge University Press.

- SANKOFF, Gillian and LABERGE, Suzanne. (1980). On the acquisition of native speakers by a language. In *The social life of language*, Gillian Sankoff (ed.) 105-209. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- SÖLL, Ludwig. (1983). De la concurrence du futur simple et du futur proche en français moderne. In *Etudes de grammaire française descriptive*, Franz-Josef Hausmann (ed.) 16-24. Heidelberg: Julius Groos Verlag.
- STAVINOHOVÁ, Zdenka. (1977). Le futur “proche” et le futur simple dans la langue littéraire contemporaine. *Etudes Romanes de Brno* IX: 115-126.
- SUNDELL, Lars-Göran. (1991). *Le temps futur en français moderne*. Uppsala: Textgruppen i Uppsala AB.
- VET, Co. (1980). *Temps, aspects et adverbes de temps en français contemporain: Essai de sémantique formelle*. Genève: Droz.
- \_\_\_\_\_. (1993a). Conditions d’emploi et interprétation des temps futurs du français. *Verbum* 4: 71-84.
- \_\_\_\_\_. (1993b). Review of Lorenz, Bettina, *Die Konkurrenz zwischen dem futur simple und dem futur périphrastique im gesprochenen Französisch der Gegenwart*, Münsterische Beiträge zur Romanistische Philologie 2, Münster: Kleinheinrich, 1989; and of Lorenz, Sabine, *Die Konkurrenz zwischen dem futur simple und dem futur périphrastique im geschriebenen Französisch der Gegenwart*, Münsterische Beiträge zur Romanistische Philologie 3, Münster: Kleinheinrich, 1989. *Romance Philology* XLVII(2): 204-207.
- WAGNER, R. L. and PINCHON, J.. (1974). *Grammaire du français classique et moderne*. Paris: Hachette.
- WALES, M. L. (1983). The semantic distribution of “aller + infinitive” and the future tense in spoken French. *General Linguistics* 23(1): 19-28.
- ZIMMER, Dagmar. (1994). “Ça va tu marcher, ça marchera tu pas, je le sais pas” (71:15): Le futur simple et le futur périphrastique dans le français parlé à Montréal. *Langues et Linguistique* 20: 213-226.